



RELAÇÕES FAMILIARES E ADOLESCER EM CONTEXTO EMOCIONAL ADVERSO DA PANDEMIA POR COVID-19

Fabio Alem Filho*

Aline Oliveira Silveira**

Maria Aparecida Bonelli***

Patrícia Luciana Moreira-Dias****

Líliã Rosa Batista Oliveira*****

Monika Wernet*****

RESUMO

Objetivo: elucidar significados e comportamentos de pais no suporte ao adolecer na pandemia da COVID-19. **Método:** estudo qualitativo apoiado no Interacionismo Simbólico e na Análise de Conteúdo na modalidade temática. Adotou-se a entrevista semiestruturada junto a 10 mulheres mães de adolescentes entre 12 e 15 anos de idade, localizados a partir da estratégia bola-de-neve. A coleta de dados foi desenvolvida majoritariamente no ano de 2021. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética. **Resultados:** As mulheres revelaram relações fragilizadas com o adolescente, com dificuldades para dialogar abertamente com eles sobre preocupações frente a comportamentos observados, sobretudo aqueles sugestivos de sofrimento psíquico ou considerados inadequados. Isto deveu-se ao entendimento de estarem eles a enfrentar mudanças sobrepostas, as da adolescência e aquelas impostas pelo isolamento social. Denunciaram escassa participação paterna no estabelecimento do cuidado do adolescente. **Considerações finais:** A família está compreendida enquanto núcleo de suporte ao adolescente, mas sentiu-se pouco empoderada e preparada para esta ação, aspecto que evidencia a premência de acolhimento da família por profissionais na direção de ampliar acolhimento de adolescências.

Palavras-chave: Adolescente. Relações familiares. Mães. Pesquisa qualitativa. COVID-19.

INTRODUÇÃO

O isolamento social, medida para a contenção da pandemia da COVID-19, ampliou o tempo de convívio em domicílio, com repercussões no funcionamento e na organização da família, afetou papéis e funções⁽¹⁾, e ameaçou o bem-estar familiar.

A complexa e dinâmica teia de relações define e conforma a família⁽²⁾. A família constitui-se por meio da construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçando a abertura, mesmo quando persistem as resistências. A família, portanto, constitui-se dialeticamente. Ela não é apenas o “nós” que a afirma como família,

mas é também o “outro”, condição de existência do “nós”. Sem deixar entrar o mundo externo, sem espaço para a alteridade, a família confina-se em si mesma⁽²⁾.

Ao longo dos tempos da adolescência há intensificação da alteridade no seio familiar⁽²⁾, uma vez que adolescentes buscam interações com pares e colocam em pauta valores e formas de pensar e viver advindos da família. Porém, o funcionamento familiar é elemento social essencial às pessoas que nele (con)vivem e detém efeito comprovado como proteção e/ou risco para o desenvolvimento integral de adolescentes⁽³⁾. Tende a ser recurso e significada como amparo e suporte ao adolescente diante crises, a exemplo das experienciadas em pandemias⁽⁴⁾.

*Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Pesquisadora do Grupo Saúde e Família. E-mail: fabiofilho@estudante.ufscar.br. Orcid 0000-0001-7408-1550.

**Enfermeira. Doutor em Ciências. Professora da Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. Líder do Grupo de Estudos de Saúde da Criança, do Adolescente e da Família. E-mail: alinesilveira@unb.br. Orcid 0000-0003-4470-7529

***Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSCAR. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Central Paulista - UNICEP. Pesquisadora do Grupo Saúde e Família. E-mail: mmariabonelli@gmail.com. Orcid 0000-0003-0542-4411.

****Enfermeira. Doutor em Ciências. Professor da Faculdade de Educação em Ciências da Saúde do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Pesquisadora do Grupo Saúde e Família. E-mail: patriciamoreira@yahoo.com - Orcid 0000-0002-3153-5302.

*****Graduanda em Enfermagem pela UFSCAR. Membro do Grupo de Pesquisa Saúde e Família. E-mail: lilibatosta114@gmail.com. Orcid: 0000-0002-2224-9021.

*****Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UFSCAR. Líder do Grupo Saúde e Família. E-mail: mwernet@ufscar.br. Orcid 0000-0002-1194-3261.

Assim, apesar de as relações sociais externas à família deterem centralidade nos tempos da adolescência, integrarem a estruturação da autonomia e independência⁽⁵⁾, a família mantém-se simbólica e significativa ao adolescente.

A pandemia da COVID-19 intensificou a exposição de adolescentes ao seu núcleo familiar e impôs restrições nas interações sociais ampliadas⁽⁶⁾. Este estudo reconhece que mudanças drásticas nas formas de interação típicas às adolescências merece atenção e indaga sobre “Como se caracterizaram as relações em família com o adolescente em tempos de pandemia pela COVID-19 na ótica dos pais?”, “Como elas foram se configurando diante das demandas do adolecer?”. Adensar conhecimentos sobre adolescências é premente na direção de suporte, sobretudo em tempos adversos e de crise, como são os de pandemias e/ou outras situações sociais que imputam restrições interacionais.

O objetivo foi de elucidar significados e comportamentos de pais no suporte ao adolecer nos anos iniciais da pandemia da COVID-19.

MÉTODO

Estudo qualitativo e descritivo, apoiado no referencial do Interacionismo Simbólico (IS), para o qual as significações emergem nas e das interações sociais e direcionam ações humanas⁽⁷⁾. As ações familiares em relação ao adolescente estão dependentes dos significados estabelecidos acerca de adolescentes, adolescências, e do papel da família no suporte a essas últimas.

Ainda, ao considerar a pandemia, as ações de suporte aos adolescentes estiveram intersectadas pelos significados relacionados com a COVID-19.

Os dados empíricos foram obtidos por meio de entrevista única, semiestruturada, remota e individual, conduzidas pelo primeiro e/ou segundo autor, entre julho de 2021 e janeiro de 2022. Ambos os entrevistadores acumulavam vivência anterior com pesquisa qualitativa e tiveram, previamente à entrevista, nova formação junto à última autora. As perguntas pré-estabelecidas foram: “Como tem sido estar com (nome do adolescente) nestes tempos de pandemia? Como vocês tem apoiado ele? O que vocês percebem nas relações entre vocês nestes

tempos da pandemia da COVID-19?”. Outros mediadores de linguagem foram adotados para densificar as exposições, a exemplo de ‘descreva um pouco mais isto que contou’ e ‘como isto que está a falar reverberou nas relações de vocês’. Todas as entrevistas foram áudio gravadas em plataforma gratuita e tiveram uma média de duração de 45 minutos.

A captação dos participantes teve seu início na rede de relações dos membros do grupo de pesquisa e, posteriormente, contou com a indicação dos entrevistados; portanto, a estratégia “bola de neve”⁽⁸⁾ favoreceu o alcance do conjunto de participantes deste estudo.

Anterior ao contato do pesquisador, o mediador conversava com o participante em potencial, dava uma breve explicação sobre o estudo e, diante do interesse e com autorização do participante em potencial, compartilhava o contato telefônico. Assim, o pesquisador confirmava o aceite pelo aplicativo de mensagem e, na confirmação de disponibilidade para contribuir, enviava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) via endereço eletrônico fornecido de modo individual. No dia da entrevista, checava se o TCLE havia sido remetido de volta e retomava o estudo, seus objetivos e a estratégia de coleta de dados antes do início da entrevista, a qual ocorreu mediada pelo GoogleMeet.

Dezoito pessoas foram convidadas e 10 aceitaram integrar o estudo. SA indisponibilidade para a entrevista pela dinâmica da vida frente a pandemia foi o principal fator para a recusa. Os critérios de inclusão para participação no estudo foram: ser pais (mãe ou pai) de adolescente(s) (utilizado o conceito da Organização Mundial de Saúde, portanto, dos 10 aos 19 anos de idade) e mencionar ter possibilidades de envolverem-se em entrevista desenvolvida de modo remoto. Os critérios de exclusão foram: ter o adolescente filho(a) necessidade especial de saúde com dependência de tecnologia assistiva e/ou portar alguma deficiência.

Para a análise dos dados, foi adotada a Análise de Conteúdo (AC)⁽⁹⁾, na modalidade temática em suas 3 etapas: 1) pré-análise, com leitura flutuante do material para apreensão dos componentes constitutivos do corpus; 2) exploração do material, via novas leituras

ancoradas nas percepções analíticas da etapa anterior e com seleção de recortes representativos do objeto em estudo, interpretações e codificações estruturadas no conteúdo, sentido da fala e significações veiculadas, para posterior estabelecimento de categorias a partir de aglutinação por temas; 3) tratamento dos resultados, quando se efetivou a justaposição das categorias, tomando os conteúdos manifestos e latentes e selecionando excertos representativos que ilustram e sustentam os achados. Os resultados foram agrupados em duas categorias temáticas. O processo analítico foi conduzido pelo primeiro e segundo autor de modo dialogado, e foi apoiado e discutido junto à terceira e última autora.

As recomendações éticas para estudos com seres humanos foram seguidas. O estudo foi analisado e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, registrado pelo parecer n.º 4.420.313 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 39524120.2.0000.5504. Os excertos foram identificados com a letra M, em alusão à palavra “mãe”, seguido de número ordinal tradutor da ordem de entrada no estudo.

RESULTADOS

Foram entrevistadas 10 mulheres mães (Quadro 1), as oito primeiras ao longo de 2021 e as duas últimas em janeiro de 2022, todas residentes no estado de São Paulo, Brasil.

Quadro 1. Informações sobre os participantes do estudo

Mães	Profissão e idade dos responsáveis/pais que residiam com os adolescentes	Característica familiar	Idade dos Adolescentes (A)
M1	Mãe, 39 anos, professora Pai, 44 anos, político	Nuclear	A1, 13 anos A2, 12 anos
M2	Mãe, 42 anos, professora Pai, 42 anos, autônomo	Nuclear	A1, 13 anos
M3	Mãe, 48 anos, enfermeira Pai, 57 anos, autônomo	Nuclear	A1, 14 anos A2, 12 anos
M4	Mãe, 33 anos, enfermeira	Monoparental	A1, 13 anos
M5	Mãe, 37 anos, enfermeira	Monoparental	A1, 15 anos
M6	Mãe, 42 anos, advogada	Monoparental	A1, 15 anos
M7	Mãe, 49 anos, autônoma Pai, 51 anos, tabelião	Nuclear	A1, 15 anos A2, 12 anos
M8	Mãe, 40 anos, professora universitária Pai, 45 anos, empresário	Nuclear	A1, 12 anos
M9	Mãe, 40 anos, enfermeira Padrasto, 50 anos, empresário	Recomposta	A1, 13 anos
M10	Mãe, 32 anos, técnica de enfermagem	Monoparental	A1, 13 anos

As participantes perceberam-se agindo em contexto com mudanças sobrepostas, as relativas ao adolescer e as da pandemia da COVID-19. Os significados e comportamentos no enfrentamento deste cenário estão apresentados a seguir.

Adolescente, mudanças e pares

A família percebe-se interagindo com uma pessoa (adolescente) que se apresenta diferente (física e comportamentalmente), aspecto que lhe é desafiador.

É bem complicado agora, né? Porque tudo é muito diferente e tem que ir lidando com tato com estas mudanças, da adolescência, da pandemia, muito desafiador este conjunto todo. (M10)

Buscaram, em reflexões, compreender essa “nova” apresentação do(a) filho(a), quando

destacaram a indecisão, irritação, intolerância, introspecção e a necessidade de reafirmação. Significaram serem elas derivadas das mudanças hormonais e da busca por autonomia e liberdade.

[...] meio que entrou num outro lugar, de assim, de irritabilidade, de não conseguir conversar [...] ficou muito irritada, essa coisa hormonal mesmo, assim, da puberdade, [...] quer ficar muito sozinha, bem difícil lidar com isto. (M2)

[...] ele já está tendo uma modificação corporal e percebo que fica fechado no seu cantinho, o que também eu entendo ser uma característica da adolescência, penso muito sobre isto, esta mudança e o que leva a ela. (M3)

Perceberam a premência dos pares para os adolescentes, a busca pela pertença grupal com adoção de comportamentos similares, concomitantemente a permanência de traços

singulares.

Eles (amigos) tiveram sim uma influência sobre ela, até mesmo, assim, de alguns gostos que ela não tinha e que ela passou a ter, assim de aparência, do jeito que ela vive mudando o cabelo, aí todo mundo começou a mudar o cabelo. Com a pandemia seguiu, é uma necessidade de adolescentes ficar junto de outros. (M4)

Ele é um menino muito quietinho, muito tímido, tem até um pouco de dificuldade de falar em público, de se expressar um pouco mais e, estes tempos da pandemia, da fase que está, não mexeu nisto, seguiu caladão. [...] O que percebo é essa necessidade dos amigos, de conseguir estar com eles, de ser do grupo que escolheu. (M5)

Assinalaram o impacto que a transformação nas relações com e na escola geraram, o quanto isso foi desafiador para o(a) seu(sua) filho(a) e teve impactos para a construção identitária.

Então ela teve que ficar em casa e esse ficar em casa para ela, em relação aos estudos, eu vi assim que ela sofreu muito, porque o próprio ambiente de escola foi mudado [...] ela foi se desinteressando, ela era uma menina, assim, muito curiosa, que gostava sim de ter notas boas em todas as disciplinas, relaxou. [...] Acho que essa falta de convivência com os outros tem tornado, acho que principalmente assim, a (nome da adolescente) uma pessoa mais fechada. (M1)

O entendimento foi de que a pandemia, ao impor restrição ao convívio físico com pessoa externas à família, ocasionou esgotamento mental e afetou negativamente relações centrais aos adolescentes, favorecendo isolamento, tédio, conflitos nas relações com os pais. As famílias se sentiram perdidas em como lidar.

Até meio triste mesmo, ela assim entediada, de não ter, de não saber o que fazer, uma tristeza de ficar sem saber o que fazer, [...] não estava acostumada a ficar sozinha, e nós (pais) não tínhamos ideia do que fazer para mudar, para ajudar. (M2)

Alterou muito no meu ponto de vista, tirou uma parte dela, justamente do convívio. Antes da pandemia ela não era tão fechada assim, ela brincava o dia inteiro. [...] percebo que com a pandemia, como ela se isolou, porque ela se isolou, infelizmente, até do convívio familiar, houve um afastamento da gente.” (M4)

A ampliação do uso de telas, seja de celulares ou computadores, foi destacada e, na opinião das participantes, o ensino remoto sustentou e normalizou essa intensificação. O uso foi

caracterizado como intenso e abusivo, algo que beirou o vício. Intervir sobre ele foi complexo já que integrava distintas questões: era a forma de manter educação, era a forma de interagir com pares, era a forma de se divertir. Apesar da preocupação, poucos interviram sobre ela.

[...] eu acho que a adolescência é um momento, assim, que eles mais querem mesmo estar com os amigos, querem e precisam conversar com eles. Então complica restringir o uso do celular, apesar de vir ultrapassando um limite aceitável. Com essa pandemia a coisa tomou um porte excessivo, mas eu deixo! Fazer o quê? (M1)

Com a pandemia ele ficou muito dependente, até para tomar banho vai no banheiro com o celular, de ver vídeo, essas coisas. Então, o que me preocupa é esse isolamento gerado com essa intensificação do uso de tela. [...] Eu vejo que a pandemia nesse sentido de preocupação para nós pais, a questão desse vício. (M3)

Os pais relataram dificuldades para abrir uma conversa sobre o ‘marasmo e desânimo’ dos adolescentes, apesar de conceberem como fundamental para dar suporte ao caminhar pela vida. Sentiram-se impotentes e desconfortáveis, e a tendência foi de não tematizar temendo o conflito, apesar de desejarem dar direcionamentos mais incisivos pela relevância para o desenvolvimento deles. A impressão foi de uma certa chancela para adolescentes se isolarem na pandemia.

Eu tenho uma preocupação dela se manter isolada, isso eu tenho sim (pausa longa). De acostumar-se a ficar isolada, de normalizar isso. [...] mas não dei conta de tratar com ela de forma mais clara. (M6)

Bem difícil lidar com isto de estarmos juntos, mas todos sós. Parece que estamos juntos, só que não, cada um na sua, desapareceu o tempo da (ênfase) família. E fomos ficando na nossa, enfiados no celular, nas telas. Eu não sei como romper. (M8)

Neste contexto, identificaram a limitação das amizades, a diminuição da tolerância com o outro e comportamentos induzidos pela socialização provida pela internet, na qual a superficialidade das relações é uma característica.

[...] limitou muito mais o número de amigos, isso que eu falo desse convívio social, eles conviviam com pessoas diferentes, mesmo assim dentro da sala de aula que a gente tem muitas diferenças. Eu percebo assim, que está um número bem reduzido

das amizades e tudo muito superficial. [...] Eu fico pensando como vai ser a tolerância deles em relação ao outro que é diferente, como que ele vai lidar com o outro que de repente fala alguma coisa que ele não gostou, porque eles estão vivendo bem isso ali na internet, se aquela pessoa ali concorda comigo então ela é minha amiga e a gente conversa todo dia, mas se ela discorda, eu bloqueio, simples assim. (M1)

Isolamento e convívio modificado: desafios para adolescentes e famílias

A família teve que lidar com mudanças nas rotinas, tanto da família como de cada membro. Foram desafiados a estabelecer novas dinâmicas, a buscar um cotidiano típico, aspecto significado como muito desafiador. Apesar disto, esforçaram-se para favorecer a manutenção das atividades de cada pessoa da família.

A gente já ficava juntos, mas agora a gente ficou juntos e... (pausa), parece que a gente, mesmo com todo esse tempo, a gente não conseguiu definir os horários, definir os espaços, uma confusão para lidar com tudo isso. (M1)

Trabalhando em casa, estudando em casa, então teve essa transformação bem intensa na rotina e não é fácil. Não é fácil achar um lugar, um jeito para todos, significa você repensar sua rotina de tempo, de relação com pessoas. E a ausência disto é ruim para o nosso convívio. [...] Muda os móveis de lugar para poder ter uma mesa de computador para mais velha, depois tem que achar uma mesa para mais nova, e aí é o dia que a gente trabalha, eu trabalho com música, né? Então a hora que eu estava tocando ou gravando alguma coisa para o meu trabalho, para os meus alunos, não dava pra mais nada acontecer, né? Então a casa virou um estúdio de gravação, tudo isso a gente foi tentando se adaptar. (M2)

Destarte, foi assinalado sobrecarga para a mulher mãe, dado o fato de ser imputado a ela a responsabilidade de achar o novo jeito de seguir o cuidado dos filhos e da casa, em associação com sua ocupação profissional. Elas se incomodavam com isto. Contudo, tentativas de rompimento foram timidamente identificadas nas falas, quando o machismo emergiu.

Então, na verdade, assim, fica mais para mim (mãe) ter que decidir o que que a gente vai fazer, como que eu vou lidar com isso, porque eu trabalho só no período da manhã e à tarde sempre fico com eles. [...] às vezes, a gente conversa, né?

Eu falo ‘me ajuda, chama atenção’ porque ainda acho que aquela voz do pai chamando atenção vai melhorar algum aspecto, mas... (pausa) não tenho tanta certeza quanto a isso, acho que eles têm mais medo de mim mesmo do que do pai. (M1)

É uma coisa que eu fico equilibrando os pratos na balança, os pratos de equilibrista dos filhos e do meu marido, e o meu despenca, né? Então isso é uma coisa muito complicada pra mim... (pausa longa) Mas todos esperam de mim. (M7)

Em contraponto, a intensidade com que vivenciaram em família, a presença um do outro, favoreceu descobertas, oportunidades para se respeitarem mais, renovarem relações e, especificamente, à mãe como ser suporte na construção identitária do(a)(s) filho(a)(s).

[...] os pais tiveram mais tempo para estar observando tudo, [...] porque os pais que tiveram que ficar em casa puderam ver coisas que não conseguiam, né? Porque estavam no trabalho. Eu acredito que descobri coisas que não descobriria e vejo o quanto eu posso colaborar para ele passar pela adolescência, antes não via. (M10)

Neste contexto, refletem acerca dos desdobramentos da redução na interação dos adolescentes com os pares e os reflexos negativos disto.

Eu tenho preocupação, assim, em relação ao (nome), que ele leve, né? Como sendo uma fase que ele perdeu um ano, um período, né? Dessa vida de adolescente por conta de não ter a interação com os pares. Então eu acho que isso vai ficar em aberto. (M3)

Porque agora é a época que começa a aprender coisas diferentes, coisas da idade, né? Da adolescência, os namoros (risos) e a pandemia restringiram isso, essa parte social necessária à adolescência. Com certeza ficarão lacunas. (M10)

A preocupação com a não contaminação foi constantemente posta em relação aos desdobramentos do isolamento social para o adolescer, as consequências a longo prazo, em especial para a saúde mental.

Para mim, o que é primordial nesse momento, é ver todo mundo com saúde. Mesmo que eles tenham perdido essa vida social, mesmo que muitas vezes a gente tenha que dizer não, que eles fiquem chateados, né? Mas, para mim, a questão de saúde está sendo primordial. (silêncio) Agora, sabe-se lá se estão a ter problemas com saúde mental. (silêncio) Ainda assim, penso que vale

não pegar o vírus. (M1)

Em contraponto, reconheceram aprendizados gerados pela pandemia, quando o valor da solidariedade esteve ressaltado e investimentos em projetos futuros.

Eu espero que a grande maioria desses adolescentes leve isso, né? Que a qualquer momento a gente pode precisar do outro, mesmo sem conhecer. Eu acho que é uma lição que todos eles vão levar. (M6)

Então, que seja um homem de princípios, um homem de bem, com caráter, que faça o bem, que respeite as pessoas, isso é o meu sonho para ele e acho que tudo que estamos passando com a pandemia ajuda nisto. (M8)

DISCUSSÃO

Este trabalho elucidou significados e comportamentos de mães no suporte ao adolecer na pandemia da COVID-19. Apesar de o convite ter sido extensivo ao pai, esses não se disponibilizaram a participar. Por vezes, foi possível identificar sua presença na casa. Esse dado provoca reflexões acerca do subsistema parental (pai-mãe) e suas funções de cuidado e socialização dos filhos, assim como sugere permanências do patriarcalismo na sociedade, nas interações sociais locais e ampliadas.

Os resultados reforçam o posto no parágrafo anterior ao aparentar um desinteresse paterno em se envolver com as rotinas da casa e o cuidado do adolescente, obstaculizando acoparentalidade⁽¹⁰⁾, apesar das sinalizações contemporâneas de estar em um crescente a inserção do homem pai na família, com transformações na dinâmica familiar⁽¹¹⁾. Indagamos se a tendência fica mais circunscrita à infância e abarca pouco as adolescências, com recomendações de explorações neste âmbito.

Destarte, os discursos biomédicos nas práticas de cuidado em saúde reproduzem a normalização da mãe como a cuidadora e responsável por crianças e adolescentes, bem como naturalizam a ausência paterna neste contexto⁽¹²⁾ e/ou reforçam um lugar de coadjuvante⁽¹¹⁾, o mesmo extensivo às formações em saúde e educação. E podemos dizer extensivo às pesquisas, uma vez ser prevalente a produção de evidências relativas à parentalidade e ao cuidado de crianças e adolescentes na voz

materna. É premente explorar e discutir o lugar simbólico e prático da paternidade, com vistas a transformações da reverberação do patriarcalismo e caminhar na direção da corresponsabilização materna e paterna no cuidado de crianças e adolescentes⁽¹¹⁾.

O atendimento das necessidades do adolescente perpassa o suporte recebido por ambos os pais⁽¹³⁾, e aos profissionais de saúde está o desafio de convidar e dar apoio ao exercício de uma paternidade ativa na adolescência. A participação e presença do pai está relacionada à segurança e melhora da autoestima do adolescente⁽¹⁴⁾.

O olhar materno sobre os efeitos do isolamento social da pandemia da COVID-19 no(a) filho(a) adolescente, capturado neste estudo, encontra, também, consonâncias com achados das narrativas dos próprios adolescentes, relevadoras de alterações negativas nos hábitos diários, como sono, atividade física, rendimento escolar e emoções⁽¹⁵⁾. Os sentimentos de incerteza, medo, angústia, ansiedade, falta de motivação, sintomas depressivos e casos extremos de ideação suicida integraram a vivência dos adolescentes e revelaram necessidades psicossociais⁽¹⁶⁾, questões assinaladas pelas participantes deste estudo.

Os efeitos do isolamento na evolução das relações interpessoais podem manifestar-se, na perspectiva do adolescente, tanto como melhora quanto como piora nos vínculos com pares, irmãos, pai e mãe⁽¹⁵⁾. As mudanças nas relações familiares representaram distanciamento afetivo ou (re)aproximação, essa última a partir de estarem mais tempo juntos, usarem de modo compartilhado tecnologias e vivenciarem momentos de alimentação em família⁽¹⁷⁾.

Estudo sinalizou que a prevalência de relações integradoras em família aponta para a saúde familiar e fortaleceu a família para lidar com as dificuldades da pandemia, ainda que imersas em sofrimentos, desafios e padecimentos⁽¹⁷⁾. O resultado da evolução positiva das relações interpessoais pode ter explicação no desenvolvimento de recursos funcionais alternativos de enfrentamento no contexto familiar, indicando que a convivência "obrigatória" determinada por circunstâncias externas desafiou o desenvolvimento de novas competências⁽¹⁵⁾. O adolecer implica em

movimentos de distanciamento dos pais, próprios do crescente processo de individualização e ganho de autonomia. Nesse sentido, a pandemia pode representar uma ameaça desenvolvimental⁽¹⁵⁾. Entretanto, em situações ameaçadoras e geradoras de desconforto emocional, os adolescentes podem beneficiar-se do acolhimento e aprofundamento dos seus vínculos primários; do aumento do conhecimento, da compreensão e do apoio mútuo vivido em e na família⁽¹⁵⁾. Estudo chinês assinalou a resiliência familiar como preditor da saúde mental dos adolescentes⁽¹⁸⁾. Porém, os participantes deste estudo referiram dificuldades e inseguranças em processar acolhimento ao adolescente e não apontaram terem sido apoiadas por profissionais da saúde neste quesito.

As práticas parentais relacionam-se diretamente com o desenvolvimento individual. São exercidas na relação com o(a) filho(a), assim como os aspectos socioculturais que circunscrevem a relação⁽¹⁰⁾.

As mulheres mães expressaram dificuldades para verbalizar, nas relações com o adolescente, percepções e preocupações frente à forma como estavam a manejar as mudanças provocadas pela pandemia. Tiveram dificuldades em estabelecer e negociar regras e limites, um determinante da promoção da saúde familiar e do desenvolvimento de crianças e adolescentes⁽¹⁰⁾.

A ida à escola e as relações ali estabelecidas são ocupações centrais na vida de adolescentes, com desdobramentos aos vínculos sociais, à saúde e à vida, inclusive no âmbito da saúde mental. A saúde mental de adolescentes e jovens esteve afetada na pandemia, com possibilidades de ocorrência de sintomas depressivos e de ansiedade^(6,19) e, diante de fragilidades de suporte em família, isto ganha chances de ser potencializado.

Este estudo revelou que a família entende a adolescência como uma fase passageira, e o adolescente como uma pessoa em transformação, reflexo das mudanças hormonais e projeções identitárias. Possuem um comportamento mais indeciso, intolerante e introspectivo. Percebe-se uma certa “normalização” de comportamentos adolescentes e isso pode vir a reduzir chances de valorizar alterações de comportamentos/manifestações, em especial os de sofrimento psíquico. Assim, amplia chances

de não oferta de suporte familiar em tempo oportuno.

Cabe mencionar que os relacionamentos familiares englobam convívio de proximidade (favorecedor da união familiar) e de individualidade (promotor da individuação). O equilíbrio entre eles promove a diferenciação das necessidades e dos sentimentos individuais frente aos daqueles com quem se convive. Nesta direção, os aspectos emocionais e o clima familiar regulam interações dos membros da família entre si, e o acolhimento de sentimentos em família promove o desenvolvimento de autoestima⁽²⁰⁾.

Os resultados revelaram pouca conversação em família, ação fundante da organização da vida em família e do pertencimento a ela⁽²⁰⁾. Isto reverbera no papel da família enquanto mediadora do contato do ser humano com o mundo exterior, promotora de estabilidade emocional e de desenvolvimento⁽²¹⁾. O desenvolvimento do autocontrole em adolescentes articula-se com a coesão familiar⁽²²⁾.

Em adição, as mães evidenciaram preocupações com a crescente substituição das relações humanas por ‘relações virtuais’, aspecto que em seu entendimento favorece intolerância e relações líquidas. Isso endossa e soma-se aos resultados de estudo sobre a comunicação mediada por telas que encontrou que adolescentes que fazem uso dessa tecnologia diariamente apresentam sensação de vazio, ansiedade e depressão⁽²³⁾. E outro estudo vai apontar a dificuldade deles em romper com as telas⁽²⁴⁾. Estudo desenvolvido na Eslováquia encontrou correlação entre maiores cuidados parentais e monitorização parental com menor ocorrência de uso excessivo de internet⁽²⁵⁾.

As telas e internet, redes sociais foram recursos para lidar com o vazio deixado pelo isolamento social, mantiveram certo convívio social, mas expuseram os adolescentes ao uso intenso e suas repercussões, a exemplo de distúrbios do sono, sintomas de ansiedade, intensificação da comparação social com chances de vivenciar sofrimentos⁽²⁶⁾. Nesse contexto, chama a atenção que nossas participantes sentiram inabilidade para intervirem sobre ele, justificado pelo entendimento de ser a ocupação existente frente

o contexto pandêmico. Estratégias parentais podem fazer contraponto aos efeitos danosos de um uso descontrolado⁽²⁷⁾. O diálogo com famílias acerca do adolescente e adolescências esteve insuficiente ou mesmo ausente e expôs famílias a manejarem demandas de forma solitária. A Enfermagem familiar é uma especialidade que oferece ao profissional conhecimentos e recursos para este cuidado. A dificuldade em dialogar com adolescentes é um desafio recorrente em famílias, quando novas representações precisam ser mútuas e colaborativamente estabelecidas, tanto no entendimento de adolescente quanto de papel parental. A especialidade da hebiatria é outra que carece de investimentos e expansão, inclusive na Enfermagem.

Os resultados advindos do esforço de elucidar as repercussões à família da adolescência e pandemia permitiu apresentação de temas e núcleos para delinear intervenções de apoio à família, sobretudo no escopo da parentalidade.

A atenção às necessidades psicossociais dos adolescentes é essencial, sobretudo diante da possibilidade da ocorrência de estresse pós-traumático⁽²⁰⁾. A competência e sensibilidade dos profissionais de saúde, o fortalecimento da rede de apoio social e o envolvimento dos diferentes setores da comunidade são fundamentais para a promoção da saúde, em especial a saúde mental dos adolescentes, neste período de transição e ressignificação pós-pandemia da COVID-19⁽²⁰⁾. Este estudo sugere um suporte parental frágil à adolescentes ao longo da pandemia e que é um alerta para outras situações similares, onde o isolamento social seja uma intervenção.

Apesar das limitações deste estudo quanto ao numérico de participantes, do alcance de apenas das mães e da concentração na faixa etária dos 12 aos 15 anos, ele acrescenta e contribui com o

conhecimento disponível acerca de famílias e adolescentes. Permite afirmar a importância de mais estudos sobre o funcionamento familiar no contexto da adolescência e sobre a voz do homem pai na perspectiva do adoecer dos filhos. Os resultados não foram submetidos a validação, outro limite presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo elucidou significados e comportamentos de mães no suporte ao adoecer na pandemia da COVID-19, discutiu a essencialidade das vivências em família e premência de profissionais darem suporte a elas.

O sistema familiar é unidade de estudo e intervenção em saúde e enfermagem, com desdobramentos à saúde e à vida individual, familiar e comunitária, e na adolescência tem sua relevância, carecendo de ser amplamente considerada.

A família compreendeu-se como importante núcleo de suporte ao adolescente, reconheceu a essencialidade das relações com os pares, mas sentiu-se pouco empoderada para dialogar sobre comportamentos observados, sobretudo aqueles sugestivos de sofrimento psíquico. Ainda, apesar de reconhecer um uso exacerbado de telas, também teve dificuldade em pautá-lo junto ao adolescente.

Essa pesquisa contribui com o aprofundamento do conhecimento disponível acerca de famílias de adolescentes, apesar de explorá-la no contexto pandêmico. De todo modo, traz elementos para subsidiar profissionais de saúde no cuidado às famílias e aos adolescentes, pois traz importantes discussões sobre o convívio familiar.

FAMILY RELATIONS AND ADOLESCENCE IN THE ADVERSE EMOTIONAL CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

Aim: to elucidate meanings and behaviors of parents in supporting adolescents during the COVID-19 pandemic. **Methodology:** qualitative study supported by Symbolic Interactionism and Content Analysis in thematic modality. A semi-structured interview was adopted with 10 women who were mothers of adolescents aged between 12 and 15 years old, based on the snowball strategy. Data collection was mainly held in 2021. The study was approved by the Ethics Committee. **Results:** The women revealed weakened relations with the adolescents, with difficulties in talking openly with them about concerns regarding observed behaviors, especially those suggestive of psychological distress or considered inappropriate. This was due to the understanding that they were facing overlapping changes, those typical of adolescence and those imposed by social isolation. They reported little paternal participation in establishing the care of adolescents. **Concluding remarks:** The family is understood as a support nucleus for the adolescent, but felt little empowered and prepared for this action, an aspect that

highlights the urgency of welcoming the family by professionals with a view to expanding the welcoming of adolescence.

Keywords: Adolescent. Family relations. Mothers. Qualitative research. COVID-19.

RELACIONES FAMILIARES Y ENTRAR EN LA ADOLESCENCIA EN UN CONTEXTO EMOCIONAL ADVERSO DE LA PANDEMIA POR COVID-19

RESUMEN

Objetivo: aclarar los significados y comportamientos de los padres en el apoyo a la adolescencia en la pandemia de COVID-19. **Método:** estudio cualitativo apoyado en el Interaccionismo Simbólico y en el Análisis de Contenido en la modalidad temática. Se adoptó la entrevista semiestructurada junto a 10 mujeres madres de adolescentes entre 12 y 15 años de edad, localizados a partir de la técnica bola de nieve. La recolección de datos se desarrolló principalmente en el año 2021. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética. **Resultados:** las mujeres revelaron relaciones fragilizadas con el adolescente, con dificultades para dialogar abiertamente con ellos sobre preocupaciones frente a comportamientos observados, sobre todo aquellos sugestivos de sufrimiento psíquico o considerados inadecuados. Esto se debió al entendimiento de que ellos estaban enfrentando cambios superpuestos, los de la adolescencia y aquellos impuestos por el aislamiento social. Denunciaron escasa participación paterna en el establecimiento del cuidado al adolescente. **Consideraciones finales:** la familia está comprendida como núcleo de apoyo al adolescente, pero se sintió poco empoderada y preparada para esta acción, aspecto que evidencia la urgencia de acogimiento a estas familias por los profesionales con el objetivo de ampliar la acogida a los adolescentes.

Palabras clave: Adolescente. Relaciones familiares. Madres. Investigación cualitativa. COVID-19.

REFERÊNCIAS

1. Santos EMF, Silva JL. Habilidades para a vida na melhoria da convivência familiar de adolescentes em situação de distanciamento social devido à pandemia da COVID-19. *Vínculo – Rev. NESME*. 2022;19(2):191-200. Doi: <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v19n2a4>.
2. Sarti CA. A família como ordem simbólica. *Psicol USP*. 2004;15(3):11-28. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002>.
3. Moreira JAZ, Parra IM. Efectos del funcionamiento familiar en la adolescencia: una revisión sistemática. *MQRInvestigar*. 2022;6(4):03-23. Doi: <https://doi.org/10.56048/MQR20225.6.4.2022.03-23>.
4. Polanczyk GV, Salum GA, Rohde LA. Crianças e adolescentes na pandemia. In: Guia de saúde mental pós-pandemia no Brasil [Internet]. 2020. p. 22-29 [citado em 24 de janeiro de 2024]; Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Guia-de-saude-mental-pos-pandemia-no-Brasil.pdf>
5. Wisniewski UM. Jeito de ser adolescente: desafios e impactos na (in) compreensão dos jovens pelos adultos. *J Health [Internet]*. 2019;21(1) [citado em 24 de janeiro de 2024]; Disponível em: <http://www.cesage.com.br/revistas/index.php/JournalofHealth/issue/view/56/showToc>.
6. Oliveira WA, Silva JL, Andrade ALM, Micehli DD, Carlos DM, Silva MAI. Adolescents' health in times of COVID-19: a scoping review. *Cad Saúde Pública*. 2020;36(8):e00150020. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00150020>
7. Charon JM. Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration. 10th ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 2010. 240 p.
8. Vinuto J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*. 2014;22(4):203-220. Doi: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2016.
10. Benites MR, Santos FSB, Antonini VP, Lopes GB, Santos MLM, Barbosa RMB, et al. Orientação a práticas parentais: descrição de um programa de intervenção individual breve. *Psicol., ciênc. prof.* 2021;41(Spe3):e192813. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192813>
11. Oliveira MA, Cruz MA, Estrela FM, Silva AF, Magalhães JR, Gomes NP, et al. Paternal role in family relationships: an integrative review. *Acta Paul. Enferm.* 2022; 35:eAPE0306345. Doi: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0306345>
12. Rivera MFA, Scarcelli IR. Contribuições feministas e questões de gênero nas práticas de saúde da atenção básica do SUS. *Saúde debate*. 2021;45(spe1):39-50. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E103>
13. Simões EV, Oliveira AMN, Pinho LB, Oliveira SM, Lourenção LG, Farias FLR. Relationships of adolescents with suicidal behavior with social support networks. *Rev. Gaúch. Enferm.* 2022;43:e20210033. Doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210033>
14. Johnsen IO, Litland AS, Hallström IK. Living in two worlds – children's experiences after their parents' divorce – a qualitative study. *J. Pediatr. Nurs.* 2018;43:e44-e51. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2018.09.003>
15. Maristany M, Preve P, Cros B, Revilla R. Efeitos do confinamento em adolescentes na pandemia da COVID-19 na cidade de Buenos Aires, Argentina. *Psico*. 2021;52(3):e41309. Doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2021.3.41309>
16. Gagnato TC, Mendes LMC, Monteiro JC dos S, Gomes-Sponholz FA, Barbosa NG. Emotional consequences of the COVID-19 pandemic in adolescents: challenges to public health. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2022;56:e20210424. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0424>
17. Santos KAM, Miura PO, Barboza AMM, Araújo CGSL. What are the meanings of families in a pandemic situation for adolescents? *Ciênc. Saúde Colet*. 2022;27(1):193-203. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-8123202271.08222021>
18. Zhuo R, Yu Y, Shi X. Family resilience and adolescent mental health during COVID-19: a moderated mediation model. *Int J Environ Res Public Health*. 2022; 15;19(8):4801. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph19084801>
19. Jones EAK, Mitra AK, Bhuiyan AR. Impact of COVID-19 on Mental Health in Adolescents: A Systematic Review. *Int. J. Environ. Res. Public Health*. 2021;18(5):2470. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph18052470>
20. Pinheiro-Carozzo NP, Silva IM, Murta SG, Gato J.

Intervenções familiares para prevenir comportamentos de risco na adolescência: possibilidades a partir da Teoria Familiar Sistêmica. *Pensando Fam.* 2020;24(1):207-223. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100015&lng=pt&nrm=iso

21. Villanueva ARE, Mamini RPP, Condori CRC, Saico CRY. Habilidades Sociales en adolescentes y Funcionalidad Familiar. *Comuni@cción.* 2020;11(1):16-27. Doi: <https://doi.org/10.33595/2226-1478.11.1.392>

22. Willems YE, Laceulle OM, Bartels M, Finkenauer C. Investigating the association between family connectedness and self-control in adolescence in a genetically sensitive design. *Eur Child Adolesc Psychiatry.* 2020;29(12):1683-1692. Doi: <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01485-9>

23. Favotto L, Michaelson V, Pickett W, Davison C. The role of family and computer-mediated communication in adolescent loneliness. *PLOS ONE.* 2019;14(6):e0214617. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0214617>

24. Pereira DR, Clementino MTR, Silveira EAA, Moura WM. The signification of the use of screens among adolescents: cause and consequences. *Cienc Cuid Saude.* 2022;21: e58427. Doi: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v21i0.58427>

25. Faltýnková A, Blinks L, Ševčíková A, Husarova D. The Associations between Family- Related Factors and Excessive Internet Use in Adolescents. *J. Environ. Res. Public Health.* 2020;17(5):1754. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph17051754>

26. Santos C. Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. *Holos.* 2021;37(3):e11651. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11651>

27. Schwartz FT, Pacheco JTB. Mediação Parental na Exposição às Redes Sociais e a Internet de Crianças e Adolescentes. *Est Pesqui Psicol.* 2021;21(1):217-35. Doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59383>

Endereço para correspondência: Fabio Alem Filho. Rua Henrique Gaiga, 100, casa 6 – Residencial Belvedere – CEP 37715-176. (17)996419225; fabiofilho@estudante.ufscar.br.

Data de recebimento: 19/05/2023

Data de aprovação: 24/01/2024

Apoio financeiro

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001